Antropologia e Missão: O Modelo da Encarnação

Por Darrell L. Whiteman

Primera Parte

Como a Antropologia Tornou-se a Principal Disciplina Acadêmica dos Missionários Evangélicos

"*Bons missionários sempre foram bons 'antropólogos'*" é a afirmação inicial da clássica obra de Eugene Nida, entitulada *Customs and Cultures: Anthropology for Christian Missions* (no Brasil: Costumes e Culturas: Antropologia para Missões Cristãs) (1945), publicada há quase meio século. Neste artigo vou explorar a razão pela qual o comentário de Nida é tão profundamente verdadeiro, bem como a razão pela qual a antropologia ainda tem um papel importante a desempenhar em missões cristãs no século 21[1].

A missão de Deus ao mundo na presente era da globalização toma formas que são diferentes daquelas que caracterizaram a atividade missionária de ontem, no auge do colonialismo. De fato, formas apropriadas da missão hoje em dia são tão diferentes daquelas levadas a cabo no passado que algumas pessoas passaram a crer que, devido ao fato de estarmos formando uma aldeia global, nós não precisamos mais da percepção que a antropologia oferece para entendermos e apreciarmos as diferenças culturais. Uma suposição errônea diz que o mundo está rapidamente tornando-se uma aldeia global homogênea, com o capitalismo sendo seu motor econômico e sua língua o inglês. Mas isto não é o que está acontecendo, pelo menos não tão rapidamente. A diversidade cultural ganha destaque em vez de desaparecer e, consequentemente, eu afirmo que a presente era de missão precisa agora da profunda percepção oferecida pela antropologia tanto quanto, senão ainda mais, que em outros períodos de atividade missionária (ver Whiteman 1996). Além disso, proponho existirem razões bíblicas

Darrell L. Whiteman foi professor de Antropologia Cultural e Deão da Escola de Missões Mundiais e Evangelismo E. Stanley Jones no Seminário Asbury em Wilmore, Kentucky, Estados Unidos. Seu campo de pesquisa e ministério foi especialmente a África Central e Melanésia. E atualmente vicepresidente da Mission Society en Atlanta, (USA). Este artigo foi publicado originalmente em 2003.

© 2010 Misiopedia de la edición portuguesa

1 Menciono com profunda gratidão Julee Bellar, Steve Bevans, Dean Gilliland, Harriet Hill, Mike Rynkiewich, Harley Schreck, Wilbert Shenk, Charles Taber, e Robert Taylor, que leram e revisaram este artigo e também que me ajudaram a identificar valiosas fontes de pesquisa

e teológicas para a manutenção de um contato estreito entre a antropologia e a missão.

Nós começaremos com um panorama histórico da relação entre antropologia e missão. Em continuação, discutiremos a importância da antropologia para a missão e concluiremos com uma discussão sobre a Encarnação como um modelo para a missão e porque teria a antropologia, então, um importante papel a desempenhar na missão contemporânea.

No Início: O Surgimento da Antropologia como Disciplina

A antropologia surgiu em meados do século 19 da discussão teórica de filósofos sociais sobre a origem dos seres humanos, sua religião e cultura. O pensamento evolucionista estava no ar e a crença no progresso da humanidade era inquebrantável. O Iluminismo que seguiu nos passos da Reforma e Contra-Reforma dos séculos 16 e 17 criou um clima de ceticismo religioso. O papel do Divino na criação da sociedade humana e suas instituições passou então a ser questionado. A cultura passou a ser vista como relativa em lugar de absoluta, criada na história e não eterna, e humanamente administrada em vez de divinamente oferecida (Taber 2000:18). Com os avanços na exploração do globo e a colonização de lugares exóticos ao redor do mundo, constatouse que a diversidade social e cultural era tão massiva que fez-se necessária algum tipo de explicação 'científica'.

Os antropólogos tiveram papel destacado na elaboração desta explicação. Interpretações literais para explicações bíblicas sobre a origem e diversidade da raça humana eram questionadas de forma crescente. A antropologia em seu estágio inicial foi determinada por um paradigma evolucionista que conjecturava que as sociedades humanas, incluindo religião, casamento, parentesco e outros aspectos culturais evoluíram do homogêneo para o heterogêneo, do simples para o complexo (Spencer 1873). Dentro deste quadro evolucionário, os antropólogos tentaram entender a desconcertante e exótica diversidade de povos e culturas que estavam sendo descobertos ao redor do mundo.

Por exemplo, Edward B. Tylor (1832-1917), reconhecido hoje em dia como o pai da antropologia, em parte por ter ele ocupado a primeira cátedra de antropologia em Oxford, Inglaterra, desenvolveu um sistema no qual propunha ter a religião evoluído de uma forma inicial, animista, a qual se trata da crença em espíritos, para o politeismo, eventualmente, para o monoteismo. Tylor não era uma pessoa religiosa e, inclusive, zombava dos teólogos. Como um produto do Iluminismo, ele estava convencido que através do pensamento racional povos 'primitivos' evoluiriam a um estado civilizado. Lewis Henry Morgan

(*Ancient Society,* -A Sociedade dos Tempos Antigos), elaborou um sistema evolucionário universal que colocava a humanidade em três degraus na escala da evolução: selvagem, bárbaros e civilizados. James G. Frazer argumentava que os seres humanos progrediam desde a crença em mágica para a crença na religião e, eventualmente, na ciência. O livro *Primitive Culture* (Cultura Primitiva), de E.B. Tylor, publicado em 1871, trouxe a primeira definição do conceito de cultura em inglês e, apesar de ser uma visão estática e linear de cultura, não obstante ela ajudou no estabelecimento do conceito como tanto, assim como marcou o início da antropologia científica.

Contribuições Missionárias à Antropologia

Podemos dizer que a disciplina da antropologia não haveria se desenvolvido sem sua forte dependência de datos etnográficos fornecidos por missionários.

É importante relembrar que os antropólogos pioneiros coletaram informação para suas teorias especulativas inicialmente não a partir de encontros de primeira mão com os 'nativos', mas de relatos de exploradores e viajantes e, mais tarde, de missionários. Eles não se dignariam a sujar as mãos em trabalho de campo, o que somente se encorporou à antropologia por volta do período entre 1920 e 1930[2]. Em vez disso, eles se instalaram confortavelmente em seus escritórios vitorianos, lendo relatórios de contatos com povos não-ocidentais, escritos por outras pessoas. O diário de exploradores como o Capitão James Cook no Pacífico proviam a lenha para suas fogueiras intelectuais.

E.B. Tylor e Lewis Henry Morgan, entre outros, se corresponderam com missionários, inquirindo sobre os povos entre os quais eles viviam e delineando áreas de pesquisa a serem seguidas pelos missionários. É digno de menção que os antropólogos se negam a reconhecer o débito que têm para com missionários, não apenas nos estágios iniciais da disciplina, mas também hoje em dia, uma vez que missionários continuam acolhendo no campo antropólogos iniciantes, ajudando na comunicação e oferecendo outras formas de auxílio prático. Podemos dizer que a disciplina da antropologia não haveria se desenvolvido sem sua forte dependência dos dados etnográficos fornecidos por missionários. Apesar do fato que havia pouca aplicação da antropologia à missão neste período, é irônico que muitos dos dados etnográficos usados por antropólogos para criar suas teorias tenham vindo de missionários.

2 Não desejando perpetuar o mito que todos os primeiros antropólogos foram teóricos de gabinete, devemos notar que vários deles se envolveram, desde o início da antropologia, em trabalhos de campo, como H. C. Haddon, W. H. R. Rivers (1864–1922), e C. G. Seligman na expedição Torres Straight de 1898; Baldwin Spencer entre o povo Arunta da Austrália Central, na metade da década de 1890; e Franz Boas (1858–1942) entre os esquimós (1883–1884) e por treze vezes entre os indígenas Norte-Americanos da costa noroeste entre 1886 e 1931. Foi a pesquisa de Bronislaw Malinowski nas ilhas Trobriand Islands (1914–1918) que trouxe o estudo de campo para o centro da pesquisa antropológica.con su trabajo en las islas Trobriand [Papua Nueva Guinea] (1914-1918), quién impulsó el trabajo sobre el terreno al primer plano de la investigación antropológica.

O uso no século 19 de correspondência missionária deu início a um longo fluxo de contribuições etnográficas que haviam sido antecipadas vários séculos antes por missionários etnógrafos católicos como Bartolomé de Las Casas (1484-1566) e Bernardino de Sahagun (1499–1590) na América Latina; Joseph-Francois Lafitau (1681–1746) e Gabriel Sagard (c.1590–c1650) na América do Norte; Matteo Ricci (1552–1610) na China; e Roberto de Nobili (1577–1656) na Índia[3].

Para demonstrar a forma como antropólogos como Tylor e Morgan estimularam missionários a realizarem pesquisas etnográficas, vejamos brevemente o caso dos escritos de missionários na Melanésia. Lewis Henry Morgan, autor de *Systems of Consanguinity and Affinity in the Human Family* (Sistemas de Consanguinidade e Afinidade na Família Humana) (1871),enviou seu formulário sobre consaguinidade ao redor do globo para missionários, solicitando que estes preenchessem os dados e enviassem o formulário de volta. Um dos seus contatos foi o australiano Lorimer Fison (1832-1907), o missionário wesleyano em Fiji, o qual tornou-se grande aficionado da antropologia. Ele desenvolveu um profundo reconhecimento do seu papel como ferramenta para a compreensão da cosmovisão dos habitantes da Ilha de Fiji e dos câmbios que aconteciam na sociedade daquele país devido ao contato com o Ocidente (1907). Fison correspondeu-se com Robert H. Codrington (1830-1922), um missionário anglicano com a Missão Melanésia nas Ilhas Salomão e New Hebrides (hoje conhecida como Vanuatu), que também era etnógrafo, tendo escrito um livro sobre as línguas da Melanésia. Codrington produziu a importante obra *The Melanesians: Studies in Their Anthropology and Folklor* (Os Povos da Melanésia: Pesquisas em Sua Antropolgia e Folclore) (1891). As obras de Codrington influenciaram outro missionário anglicano, Charles E. Fox (1878-1977), o qual escreveu uma importante etnografia intitulada *The Threshold of the Pacific: An Account of the Social Organization, Magic, and Religion of the People of San Cristoval in the Solomon Islands* (O Limiar do Pacífico: Um Relato da Organização Social, Mágica, e Religião dos Habitantes de São Cristóvão nas Ilhas Salomão) (1924). Outros missionários anglicanos da Missão Melanésia fizeram contribuições etnográficas significativas, incluindo: Alfred Penny (1845–1935) (1887); A. I. Hopkins (1869–1943) (1928); e Walter Ivens (1871–1939) (1927, 1930).

Ainda que a Missão Melanésia se destaque de forma incomum pelo número de missionários que fizeram contribuições etnográficas à antropologia, outros missionários também são dignos de nota. Por exemplo, John Bachelor (1854-1944), um missionário anglicano entre

3 Podemos mencionar os seguintes livros escritos por estes missionários etnógrafos pioneiros, ou sobre eles: Las Casas (Hanke 1951, Parish e Wagner 1967, Gutiérrez); sobre Sahagun (Sahagun 1950–1982); sobre Lafitau (Lafitau 1724, 1974); sobre Sagard (Sagard 1632, 1939); sobre Ricci (Spence 1984); sobre De Nobili (Rajamanickam 1971, 1972a, 1972b).

o povo Ainu no Japão durante 20 anos, adaptou sua língua à forma escrita, traduziu a Bíblia completa e plantou uma igreja. Ele escreveu *Ainu Life and Lore* (A Vida e Crenças dos Ainu) (1927). Maurice Leenhardt (1878–1954), o missionário protestante francês à Nova Caledônia (1902–1927), escreveu o clássico *Do Kamo: Person and Myth in the Melanesian World* (Do Kamo: Pessoa e Mito no Mundo da Melanésia) (1947). "O autor de uma das melhores monografias antroplógicas jamais escritas" foi a descrição usada por Evans-Pritchard (1964:114) para Henri Alexandre Junod (1863–1934), da Missão Suíça Romande, publicada com o título *The Life of a South African Tribe* (A Vida de Uma Tribo Sul-Africana) em 1912. *Behind Mud Walls* (Por Trás de Paredes de Barro) (1930), foi um trabalho pioneiro em antropologia indiana, escrito por William Wiser (1890–1961) e Charlotte Wiser (1892–1981), missionários presbiterianos na Índia.

Eles conheciam muito mais sobre os povos entre os quais viviam ... que os antropólogos que sentavam no conforto de seus escritórios vitorianos.

Não podemos concluir este tópico sobre a contribuição missionária à antropologia sem mencionar a importante contribuição efetuada pelo padre Wilhelm Schmidt (1868–1954). Apesar de não haver sido um missionário de campo, como professor de missionários ele incentivou e organizou os membros de sua própria ordem, a Sociedade da Palavra Divina, assim como outras, a produzirem etnografias cuidadosamente pesquisadas sobre os povos entre os quais trabalhavam. Ele próprio produziu mais de 650 publicações. Em 1906 ele fundou o jornal antropológico *Anthropos* que serviu como instrumento para a publicação dos muitos relatórios etnográficos enviados por missionários. Mais tarde ele fundou o Instituto Anthropos como centro de pesquisa antropológica (vide Brandewie 1990; Luzbetak 1994). Luzbetak, que foi aluno de Schmidt, diz:

> *Para ele, etnologia era um puro exemplo de Geisteswissenschaft, (área acadêmica) assim como um estrito campo histórico. Como um erudito que acredita na pureza de sua disciplina, ele não permitiria que o jornal [Anthropos] ou o Instituto [Anthropos] abandonassem este conceito, insistindo que a concentração na etnologia estritamente científica, em lugar da aplicada, garantiria o respeito necessário do mundo da ciência. (Luzbetak 1994:478).*

A lista de contribuições missionárias à antropologia, tanto etnográficas como teóricas, poderia se alongar, mas o espaço não permite (vide Burridge 1991, especialmente o Capítulo 7 e o Apêndice; Taber 1991:150–155). A questão que gostaria de enfatizar são as significativas contribuições que missionários efetuaram no campo da antropologia, crendo que atualmente exista uma maior aceitação fato nas correntes principais da antropologia. Por exemplo, em novembro de 2003, na reunião anual da Associação Americana de Antropologia em Chigago, Estados Unidos, haverá um simpósio intitulado ''Homenagem aos Missionários Antropólogos''. Nós, antropólogos e

missiólogos, teremos a oportunidade de dar palestras sobre este tema, mas antropólogos seculares também contribuirão.

Uma das razões pelas quais antigos missionários foram capazes de fazer contribuições substanciais à etnografia e à teória antropológica foi o fato de conhecerem muito mais sobre os povos entre os quais viviam e sobre os quais escreviam do que os antropólogos que sentavam no conforto de seus escritórios vitorianos e divagavam sobre a forma como as sociedades se desenvolveram no decorrer do tempo. Charles Taber capturou bem o estado de espírito desta época pioneira e sua relação com missionários. Ele nota:

> *A primeira interação explícita entre missionários e antropólogos aconteceu na década de 1860, quando os missionários serviram como fonte de informação de campo para os primeiros teóricos da antropologia, os quais eram eruditos de gabinete. Isto representou um avanço considerável em relação à situação anterior, quando antropólogos meramente utilizavam qualquer informação que eles podiam compilar ao acaso, à partir de escritos missionários, entre outros. Mas antropólogos como E.B. Tylor se corresponderam ativamente com missionários, com perguntas específicas e sugerindo linhas específicas de pesquisa. Os antropólogos não tinham experiência do exótico*[4]*, pouco ou nenhum respeito pelas pessoas ou pelas culturas do mundo ‘‘primitivo’’ sob os quais teorizavam, e pouca ou nenhuma simpatia com os alvos religiosos dos missionários cujas informações eles estavam usando. (Taber 2000:95)*

O Ímpeto Inicial dos Antropólogos em Resolver Problemas Humanos

Após a abolição da escravidão nas Ilhas Britânicas em 1807 e a aprovação do Ato da Emancipação em 1833, as pessoas envolvidas no movimento abolicionista voltaram sua atenção para o bem-estar em geral dos povos dentro das fronteiras do Império Britânico. Em 1838 foi fundada em Londres a Sociedade para Proteção dos Aborígenes. Ela ainda não havia existido por muito tempo quando uma séria divisão surgiu sobre a forma apropriada de proteger os aborígenes. Uma das facções, associada aos missionários, argumentava que a melhor maneira de proteger os aborígenes seria extender a eles os benefícios da civilização ocidental. O grupo mais academicamente inclinado propunha estudar

4 Isto é uma pequena exageração, uma vez que, como mencionado na nota 2, alguns dos antropólogos pioneiros tiveram experiência de primeira mão com o povo sobre o qual eles escreveram. Mesmo Morgan passou algum tempo entre os Iroquis (M. Harris 1968:169). Podemos dizer isto especialmente sobre James G. Frazer e Herbert Spencer, mas, em menor grau sobre A.C. Haddon, W.H.R. Rivers, C. G. Seligman, Baldwin Spencer, Franz Boas e outros que realizaram pesquisas entre os povos sobre quem publicaram seus livros.

os aborígenes primeiramente, como forma de elevar o seu nível de vida e oferecer proteção. Este grupo saiu da Sociedade para Proteção dos Aborígenes e fundou a Sociedade Etnológica de Londres em 1843. Eles defendiam a união do estudo erudito com os interesses humanitários. Em 1856 Sir B. C. Brodie escreveu no *Journal of the Ethnological Society* (Jornal da Sociedade Etnológica) (4:294-297):

> *A Etnologia atualmente é geralmente reconhecida como o centro de nossa atenção, não somente pela sua tendência a satisfazer a curiosidade daqueles que gostam de contemplar as obras da Natureza, mas também pela sua grande importância prática, especialmente neste país, onde as inúmeras colônias e extenso comércio o coloca em contato com tantas variedades da espécie humana, que diferem em suas qualidades físicas e morais tanto entre si como de nós mesmos. (Brodie 1856:294-295)*

Não tardou muito para a própria Sociedade Etnológica também experimentar divisões em suas fileiras. O debate girava em torno da questão da escravidão e se os seres humanos pertenciam a uma mesma espécie ou se havia mais de uma. Em 1863 o grupo divergente que cria que havia mais de uma espécie humana deixou a Sociedade Etnológica de Londres fundando a Sociedade Antropológica de Londres. A nova sociedade foi muito bem-sucedida e em um espaço de quatro anos tinha 706 membros, em contraste com a Sociedade Etnológica, a qual nunca teve mais de 107 membros. Os membros da Sociedade Antropológica, ainda que crendo na desigualdade das raças, defenderam o uso da antropologia para causas práticas e humanitárias. Ao mesmo tempo que desejavam ser científicos e acadêmicos, eles criam que a antropologia aplicada era, no fim das contas, mais importante. Em 1866 a sociedade publicou *Popular Magazine of Anthropology*, que dizia:

> *A antropologia, independentemente de seu interesse e importância científicos, pode e deve tornar-se uma ciência aplicada, colaborando na solução de dolorosos problemas encontrados na sociedade humana e na civilização moderna, almejando a melhora da condição do homem coletivamente ao redor to mundo todo. Revista Popular de Antropologia, 1866:6)*

Conrad Reining (1962) chamou este período da década de 1860 de "A Época Perdida da Antropologia Aplicada". É interessante notar que um dos primeiros apelos para o uso da antropologia à serviço da missão foi feito neste mesmo período por George Harris em uma carta à Sociedade Antropológica de Manchester, na segunda-feira, dia 28 de setembro de 1868. Harris escreveu:

> *…se a informação comunicada por missionários é valiosa aos antropólogos em seus estudos, eu me aventuro a dizer que o estudo da antropologia, se considerado de forma correta e*

abrangente, não é menos importante para os missionários em sua árdua e frequentemente dura tarefa... Antropólogos e missionários deveriam, então, em vez de sempre oporem-se uns aos outros, se aliar intimamente, buscando ajuda nos esforços levados a cabo por uns e por outros. (1868:4-5)

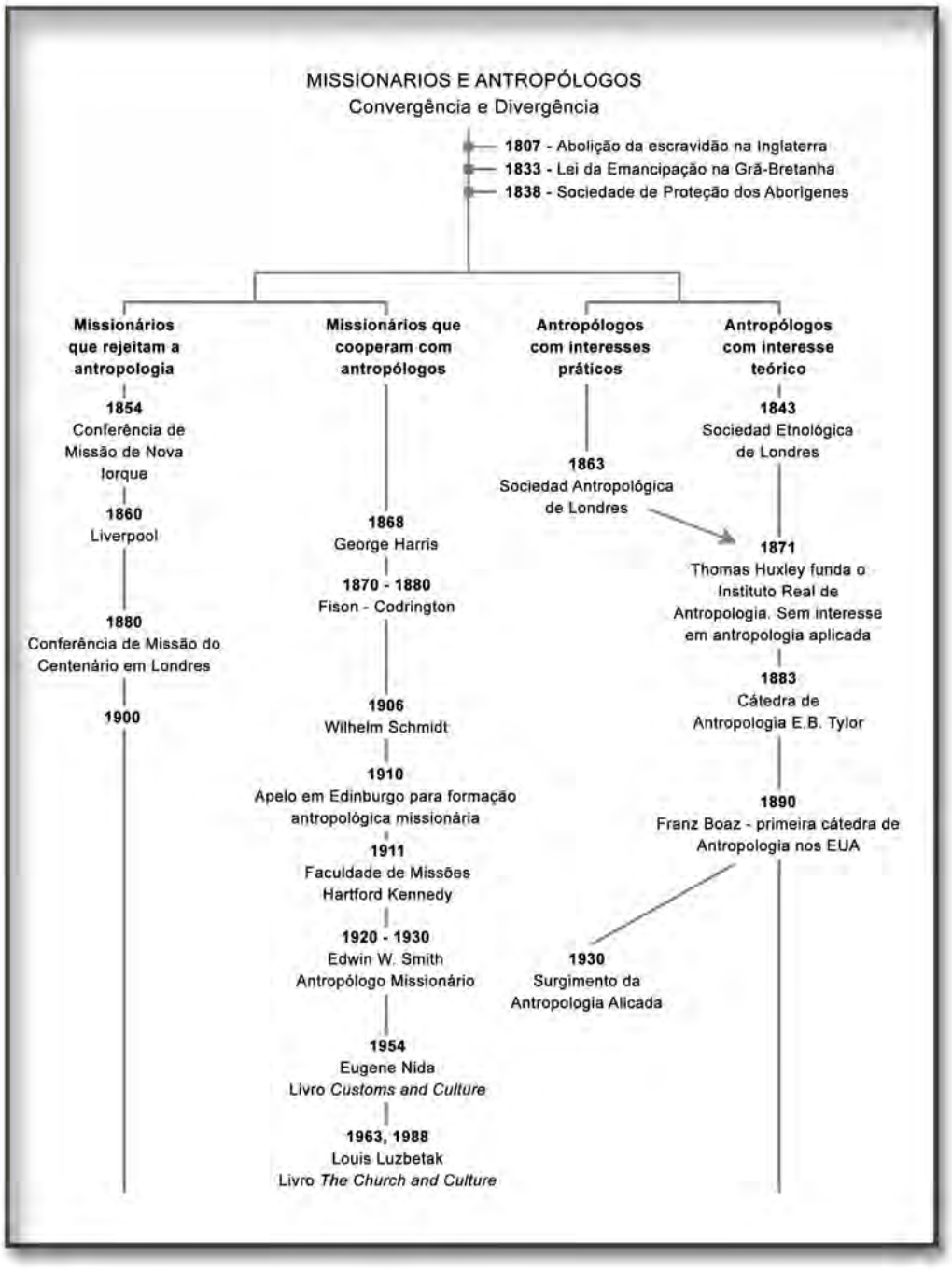
Os membros da Sociedade Antropológica de Londres tinham a plena confiança na capacidade da antropologia de ser tanto científica e, por consequência isenta de paixão, como muito prática em seu potencial quase ilimitado de melhorar a humanidade. Mas a Sociedade Antropológica com seu foco na antropologia aplicada não foi recebida sem controvérsia. Dois grupos se opuseram aos antropólogos nessa época. Um foi o composto por evangélicos, cuja interpretação literal das narrativas bíblicas do Jardim do Éden e do Dilúvio os levaram a afirmar que toda a humanidade era formada por uma só espécie, e não diversas, e que não haviam desigualdades morais ou físicas inerentes à raça humana. O segundo grupo que se opôs aos antropólogos era o dos políticos liberais, cujo compromisso com a justiça social causou sua objeção à noção da desigualdade dos seres humanos. Depois de somente oito anos de existência, a Sociedade Antropológica de Londres entrou em crise e, em 1871, seus membros regressaram ao seio da Sociedade Etnológica. Thomas Huxley tomou a liderança da criação de uma nova organização combinando as duas anteriores e em 1871 foi formada o Instituto Antropológico da Grã-Bretanha e Irlanda. Huxley fez muito para estabelecer a nova disciplina da antropologia como uma ciência respeitável e, no processo, afastou-se da ênfase anterior da aplicação do conhecimento antropológico para a melhoria dos problemas humanos.

Nos trinta anos subsequentes buscou-se fazer a antropologia aceita como disciplina acadêmica em universidades, e o valor prático da antropologia passou a ser raramente mencionado. Em 1883 E.B. Tylor foi nomeado como o primeiro professor de antropologia em Oxford, Inglaterra, e no ano seguinte um departamento separado foi criado para a antropologia na Associação Britânica para o Avanço da Ciência. A primeira cátedra de antropologia nos Estados Unidos foi criada na Universidade de Columbia em 1890, com Franz Boas assumindo a cátedra. Com certeza, nesta fase ninguém estava advogando que antropologia e missão poderiam beneficiar-se mutuamente – nem antropólogos, nem missionários.

A partir de 1870 a matéria antropologia tornou-se mais e mais esotérica, evitando a aplicação do conhecimento antropológico aos problemas do dia-a-dia. Foi durante este período que antropólogos começaram a ganhar a reputação de promotores do exótico, cujo estudo não tinha nenhum valor prático. G. Frazer, autor do popular livro *The Golden Bough* (O Ramo de Ouro) (1890), é típico desta era, alegando que a antropologia não deveria preocupar-se com a aplicação prática

de seus temas devendo, por outro lado, concentrar-se no estudo de povos pré-literários para demonstrar a história e evolução da sociedade. O interesse dos pais da antropologia era dirigido ao passado e sua pesquisa era centrada na evolução da sociedade.

O diagrama seguinte tenta mostrar as diferentes tendências dos antropólogos e missionários, à medida que eles convergiram e divergiram através dos tempos. Ele inclui personagens e eventos chaves mas não é exaustivo. Algumas das pessoas e eventos no século 20 serão discutidos abaixo.



A relação de ambivalência entre a Antropologia e Missão

Nos últimos cem anos a relação entre a antropologia e a missão tem sido caracterizada por um sentimento ambivalente (vide Hiebert 1978; Stipe 1980; Luzbetak 1985; Sutlive 1985; Salamone 1986; Van Der Geest 1990; Burridge 1991; Priest 2001). Uma vez que a maioria dos antropólogos subscreve a doutrina do relativismo cultural, eles encaram a religião como um sub-produto da cultura, um mero reflexo da sociedade (Durkheim 1915). Eles concluem, então, que o Cristianismo não é diferente de outras religiões. Trata-se somente de um subproduto cultural, algo criado pelo homem, eles insistem – não algo divino. Devido à escassez de antropólogos Cristãos, não é de se surpreender que antropólogos sintam um alto grau de antagonismo em direção aos missionários. Por exemplo, em seu discurso como presidente da Associação Antropológica em 1976, Walter Goldschmidt (1977:296) disse:

> *Os missionários são, de muitas maneiras, o contrário do que nós somos; eles crêm no pecado original, na depravação moral do humem incivilizado e na malignidade dos hábitos dos povos. Porque eles almejam mudar as pessoas que nós pretendemos estudar, nós os consideramos como sabotadores* .

Essa falta de apreço pela atividade missionária foi bem documentada e discutida recentemente por Robert Priest (2001), em um provocador artigo publicado em *Current Anthopology* (Antropologia Atual), intitulado "Missionary Positions: Christian, Modernist, Postmodernist" (vide Stipe 1980; Sutlive 1985; Salamone 1985, 1986; Franklin 1987; Bomsen, Marks, e Miedema 1990; Van Der Geest 1990). Os antropólogos têm frequentemente rotulado os missionários como bitolados destruidores de culturas. E, infelizmente, alguns missionários são culpados por encaixarem-se nesse estereótipo; mas a evidência preponderante mostra que os missionários frequentemente contribuiram mais para a preservação de línguas e culturas, que para sua destruição (Whiteman 2002). Lamin Sanneh (1989) argumentou de forma convincente que, através da tradução da Bíblia para o vernáculo, os missionários contruíram mais para a preservação do que para a destruição de culturas locais.

Se os antropólogos têm nutrido suspeitas com relação à missionários, estes, por sua vez, demoraram a aceitar a percepção da

5 Ao dizer isto, Goldschmidt deixa de lado o fato que os antropólogos também "sabotam" uma cultura ao entrar para realizar suas pesquisas, além do fato que os antropólogos também tem uma missão. Por exemplo, Bruce Knauft (1996:5, 38 ff) um antropólogo pós-moderno conclama seus colegas a trabalhar com um zelo intenso, o mesmo dos missionários, e enfatiza a necessidade de paixão e uma missão clara em antropologia.

cultura que os antropólos lhes oferecem. Paul Hiebert (1978) há vários anos atrás descreveu a relação entre os missionários e os antropólogos como de Amor e Ódio. Há vinte anos Louis Luzbetack (1985) lançou um apelo por um melhor entendimento e cooperação entre os dois grupos antagônicos de antropólogos e missionários, oferecendo algumas sugestões práticas de como isto poderia acontecer. Kenelm Burridge (1991), que é mais compreensivo e conciliador para com os missionários do que a maioria dos antropólogos, documenta esta longa história de tensão entre os antropólogos e os missionários, observando a contribuição etnográfica significativa que efetuaram estes últimos.

O momento da transformação na relação entre Antropologia e Missão

No início do século 20, a antropologia como disciplina se estabelecia, recuperando-se de sua obsessão com o pensamento evolucionista. Surgiam outras teorias para explicar a diversidade dos seres humanos e suas culturas. Em reação aos esquemas evolucionistas do século 19, várias teorias de difusão cultural foram elaboradas para explicar a diversidade cultural. A devastação causada pela I Guerra Mundial e a expansão do colonialismo exigiam a aplicação antropológica para os problemas humanos. Por exemplo, em 1921 foram feitas propostas para a criação da Escola de Antropologia Aplicada na Grã-Bretanha, sugerindo que ‘‘o ponto de vista antropológico deveria permear toda a sociedade’’, e a falta desse permear ‘‘constituía a causa de nossos problemas’’ (Peake 1921:174).

Em 1929 Bronislaw Malinowski publicou um artigo no jornal *Africa* (2:23-38) intitulado “Practical Anthropology” (Antropologia Prática). Ele escreveu naquela ocasião sobre a imensa separação entre as preocupações teóricas da antropologia e os interesses práticos dos administradores coloniais e missionários. Escrevendo desde um contexto Africano, ele diz:

> *Penso que atualmente a separação é artificial e traz grande prejuízo para ambos os lados. O homem prático deve expressar claramente o que ele precisa saber em termos da lei dos selvagens, sua economia, hábitos e instituições; assim, ele estimularia os antropólogos científicos a empenharem-se em uma linha mais frutífera de pesquisa e, como consequência, obter a informação sem a qual ele tateia no escuro. O antropólogo, por outro lado, precisa dirigir-se para o estudo direto das instituições indígenas, na forma como elas existem e funcionam nesse momento. Ele deve também preocupar-se mais sobre a antropologia do Africano em transformação, e na antropologia do contato entre a pessoa de cor e o branco, da cultura Européia e a vida tribal primitiva. (1929:23-24; 1970:13)*

Apesar do tom colonial de suas palavras, Malinowski conclamava os antropólogos a estudar os povos em seu estado atual, assim como a transformação causada pelo impacto do colonialismo, e deixar de perseguir uma antropologia especulativa que buscava reconstruir as vidas e culturas passadas dos povos. Em contraste com essa antropologia reconstrutiva, Malinowski pedia a criação de um novo tipo de antropologia, a qual viria a ser chamada posteriormente de antropologia aplicada. Malinowski, talvez mais do que qualquer outro antropólogo na Grã-Bretanha, ajudou a popularizar a antropologia e a colocá-la ao alcance de leigos. Partindo da Escola de Economia de Londres, Malinowski formou uma geração de antropólogos que lentamente respondeu ao seu desafio efetuando pesquisas que eram úteis no contexto da transformação de culturas sob a influência colonial. Mais tarde, críticos pós-modernos da antropologia seriam muito nega-tivos sobre a relação cômoda entre a antropologia e o colonialismo.

Mas em Edinburgo, em 1910, foi diferente.

A Antropologia Aplicada surgiu na década de 1930, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos. Antropólogos norte-americanos como Robert Redfield, Ralph Linton, Melville Herskovits e Margaret Mead, entre outros, tentaram juntar a antropologia prática e a acadêmica ao mesmo tempo em que distanciaram-se dos missionários e suas áreas de interesse. A antropologia pós-moderna tentaria mais tarde ‘‘desmascarar’’ as intenções tanto da antropologia como da missão. Malinowski começou por pedir um uso prático da antropologia já em 1929 e, em 1938, ele argumentava que havia chegada a hora de transformar a antropologia em algo prático:

> *...o antropólogo, com suas grandemente alardeadas técnicas de pesquisa de campo, sua perspicácia científica e visão humanista, tem se mantido, até o momento, fora da intensa guerra de opiniões sobre o futuro e bem-estar de raças nativas. No caloroso debate entre aqueles que querem ‘‘manter o nativo em seu lugar’’ e os que querem garantir para eles ‘‘um lugar ao sol’’, o antropólogo não tem participado, até agora. Isto significaria que o conhecimento serve meramente para cegar-nos para a realidade das preocupações humanas e suas questões vitais? A ciência que reivindica entender a cultura e ter a chave para questões raciais não deve permanecer silenciosa diante do drama do conflito cultural e do choque racial. A antropologia deve tornar-se uma ciência aplicada. Todo os estudantes de história científica sabem que a ciência nasce da sua experimentação. (1938:x)*

Bronislaw Malinowski contribuiu muito para levar a antropologia além dos círculos acadêmicos, inserindo essa disciplina no mundo real. Sua teoria sobre o funcionalismo, que é, às vezes, fortemente atacada pelos críticos do movimento de crescimento da igreja, proporcionou um útil modelo para entendermos como uma mudança introduzida em uma parte de uma cultura afeta todas as outras partes da sociedade. Em

termos de teoria, o funcionalismo de Malinowski não é particularmente frutífero, mas como um guia de pesquisa e para a interpretação do impacto de uma cultura sob outra, é excelente. Esta perspectiva seria muito importante para administradores coloniais e, é claro, para missionários.

Na virada do século os missionários também começaram a tomar consciência do valor da antropologia para o seu trabalho. Conferências Missionárias Ecumênicas foram organizadas em Nova Iorque em 1854, em Liverpool em 1860 e, em 1888, a Conferência do Centenário de Missões Protestante aconteceu no Exeter Hall em Londres, com 1600 representantes vindos de 53 sociedades missionárias. Nos 30 anos anteriores, o movimento missionário havia crescido estatisticamente de forma impressionante mas, entretanto, ele havia tornado-se crescentemente paternalista, com mais interesses velados. Estes eventos oferecem pouca evidência de uma consciência sobre a existência da antropologia ou da importância do conhecimento antropológico.

Mas em Edinburgo, em 1910, foi diferente. O relatório da comissão estabeleceu uma longa série de nove volumes, com um deles totalmente dedicado à formação de missionários (volume 5). A importância do conhecimento das culturas e os hábitos dos povos para os quais os missionários são enviados foi entatizado desta época adiante. A Conferência de Edinburgo foi importante porque ela mostrou que os missionários estavam incomodados com todas as críticas feitas pelos antropólogos, mesmo antes deste assunto passar a ser tratado publicamente. Uma das características desta Conferência foi o reconhecimento da mudança sócio-cultural como um fato em si, bem como a necessidade de não mais contentar-se com avaliações etnocêntricas sobre diferenças culturais. A chamada pela inclusão da antropologia na formação de missionários foi feita de forma clara em Edimburgo. O relatório diz:

> *É, portanto, claro que o missionário precisa conhecer muito mais do que os meros hábitos e costumes da raça para a qual ele é enviado; ele deve ser versado no espírito do povo, o que o formou como o povo que é; e identificar-se tão verdadeiramente com o bem no qual desenvolveu-se, a ponto dele ser capaz de auxiliar a liderança local reverentemente a edificar uma civilização Cristã própria, não segundo o modelo europeu. (Conferência Missionária Mundial, 1910: volume 5, página 170)*

A Conferência de Edinburgo foi diferente de outras conferências porque, pela primeira vez, uma preocupação específica foi tratada. Tanto os preletores da Conferência como os relatórios que chegaram de todas as partes do mundo articularam um sentimento que já existia intensamente entre os missionários, ou seja, a necessidade de aprender

melhor sobre a religião e os valores dos povos entre os quais estavam trabalhando. Eles estavam começando a entender que a compaixão não era suficiente. Era necessário compaixão e conhecimento cultural, e que o evangelismo daria mais frutos quando efetuado dentro de uma cosmovisão que não fosse estrangeira.

O principal defensor da aplicação da antropologia à missão foi Edwin G. Smith (1876-1957). Filho de pais missionários da Missão Metodista Primitiva na África do Sul, ele serviu como missionário em Zâmbia entre o povo Baila-Batonga, de 1902 até 1915. Apesar de se considerar um antropólogo amador, Edwin Smith era tido em alta estima pelos antropólogos de sua época. Ele foi membro do Instituto Real de Antropologia da Grã-Bretanha de 1909 até seu falecimento em 1957, tendo sido seu presidente no período compreendido entre 1933 a 1935, posição da qual foi o primeiro e único missionário a ocupar. Ele contribuiu substancialmente para a antropologia (1907, 1920) e escreveu frequentemente para a revista *International Review of Mission* (Revista Internacional de Missões). Em 1924, em um artigo intitulado "Social Anthropology and Missionary Work" (Antropologia Social e o Trabalho Missionário) Smith (1924:519) argumenta que ''a ciência da asocial [deveria ser] reconhecida como uma disciplina essencial no treinamento missionário''. Ele observa também que devemos entender os povos a partir do seu ponto de vista e não somente do nosso, para que o trabalho missionário seja efetivo. Ele escreve na linguagem característica do seu tempo que,

Creio que o otimismo de Edwin Smith foi prematuro pois muitos, se não a maioria dos missionários hoje em dia, ainda não dão grande importância à antropologia.

> *o estudo da antropologia social fará com que o jovem missionário olhe para as coisas sempre do ponto de vista dos nativos, e isto o salvará de cometer erros sérios. Tato não é suficiente, nem o amor... Tato precisa ser baseado em conhecimento; amor dificilmente existirá se não entendermos o outro. (Smith 1924:522-523)*

Dez anos mais tarde, em 1934, por ocasião de seu discurso como presidente do Instituto Real de Antropologia intitulado "Anthropology and the Practical Man" (A Antropologia e o Homem Prático), Edwin Smith conectou sua fé Cristã e seu trabalho missionário com sua perspectiva antropológica. Ele disse:

> *Creio que na maioria dos casos os missionários vêem a si mesmos como agentes da civilização européia e consideraram como parte de seu dever espalhar o uso da língua inglesa, o modo de vestir-se inglês, a música inglesa – toda nossa gama cultural. Eles confundiram Cristianismo com a cultura ocidental. No meu modo de entender, esta é uma visão equivocada da missão Cristã. Estou convencido que elementos essenciais da fé e prática Cristãs são valores universais que, em outras palavras, existem necessidades fundamentais da alma humana que somente o Cristianismo pode*

> *safisfazer. Mas no Cristianismo que conhecemos existem elementos não essenciais, acréscimos originados no contexto europeu que não fazem parte do Cristianismo, não sendo dever do missionário propagá-los. (Smith 1934:xxvi-xxvii)*

Edwin Smith observa também, em uma linguagem similar às discussões comtemporâneas sobre contextualização, que o Cristianismo deve tomar formas apropriadas em cada cultura que ele encontra. E, em um espírito otimista, ele afirma:

> *Aqui e lá no campo, antropólogos com formação acadêmica devem ser encontrados entre o pessoal [missionário]. Nós não nos contentaremos enquanto tais pessoas qualificadas não estiverem trabalhando em cada campo missionário e cada missionário não tiver recebido treinamento antropológico. Resumindo, podemos ver sinais que o missionário moderno está tornando-se alguém que dá valor à antropologia, sem tornar-se menos zeloso em suas atividades religiosas. (Smith 1934:xxix)*

Creio que o otimismo de Edwin Smith foi prematuro, pois muitos, se não a maioria dos missionários hoje em dia, ainda não dão grande importância à antropologia, apesar de vermos o apelo nesta direção já em 1910, em Edimburdo.

Outro defensor pioneiro da conexão entre a antropologia e a missão foi Henri Philippe Junod, missionário na África do Sul, filho do missionário etnógrafo Henri A. Junot, mencionado acima. Escrevendo em 1935 ele diz:

> *Gostaria que os antropólogos se dessem conta da dívida que eles têm para com o trabalho missionário. Muitos cientistas reconhecem essa dívida, enquanto outros esquecem a contribuição de missionários para a própria ciência. Não é por acidente que, às vezes, o missionário provou ser o melhor antropólogo....*

Ele lastima, porém, o fato de que ‘‘a política missionária, entretanto, tem tido pouco a ver com a antropologia...’’ (1935:217). Ele acrescenta:

> *Acredito que a antropologia pode ajudar-nos muito. Ela pode ampliar nossa visão, pode abrir nossos olhos, ensinar-nos a entender, pode melhorar nossa política educacional e mostrar-nos os perigos do caminho. Mas nós não estamos aqui para preservar os costumes nativos como o curador de um museu. Nós estamos tratando com as realidades do presente. (H. P. Junod 1935:228).*

Missionários antropólogos como Edwin W. Smith e Henri Junod tiveram mais impacto sobre missionários europeus das principais denominações do que sobre missionários evangélicos norte-americanos. O primeiro livro sobre antropologia do período pós-II Guerra Mundial foi escrito em 1945 por Gordon Hedderly Smith e intitulado *The Missionary and Anthropology: An Introduction to the Study of Primitive Man for Missionaries* (O Missionário e a Antropologia: Uma Introdução ao Estudo do Homem Primitivo para Missionários) (Moody Press). Este é um livro bastante inadequado, que usa em demasia as idéias de E. B. Tylor e John Lubbock, os antropólogos evolucionistas do século 19. Gordon Smith argumenta a favor da importância do treinamento antropológico como parte integrante da formação do missionário mas, devido às limitações deste livro, não é de se surprender que ele teve pouca influência.

Na década de 1940 e até bem depois do fim da II Guerra Mundial, o Colégio Wheaton, em Wheaton, Illionois, Estados Unidos, tornou-se um centro de preparação de missionários. O famoso e popular Dr. Alexander Grigolia, russo de nascimento, desenvolveu um sólido curso com especialização em antropologia. Ele foi sucedido em Wheaton por uma série de jovens professores de antropologia compromissados tanto em oferecer uma preparação antropológica equilibrada como em ensinar as ferramentas conceituais e práticas requeridas para a comunicação efetiva através das barreiras culturais. Talvez o mais conhecido aluno com especialização em antropologia de Wheaton tenha sido o renomado evangelista Billy Graham, da classe de 1943, que escolheu a antropologia devido ao seu desejo de tornar-se missionário (Graham 1997:64-65). Billy Graham usou os conceitos de antropologia em seu ministério evangelístico. Estudantes da classe de 1953, como Charles Kraft, Henry Bradley e William Merrifield, destacaram-se com importantes contribuições à antropologia missionária. Até 1953 o Colégio Wheaton havia formado mais de 200 alunos especializados em antropologia, muitos dos quais estavam servindo como missionários ou planejavam fazê-lo[6].

6 À medida que o programa de antropologia do Wheaton College desapareceu no início de 1960, a Faculdade Bethel, em, St. Paul, MN, Estados Unidos, começou a estabelecer um curso de antropologia destinado ao treinamento de missionários cristãos, profissionais em desenvolvimento e em outros campos de aplicação, assim como acadêmicos. Claude Stipe utilizou o já muito conceituado Departamento de Sociologia, sob a direção de David Moberg, para criar um programa de antropologia que terminou por ser uma mescla de sociologia e antropologia. Logo a linguísitica foi acrescentada ao departamento que foi chamado de Departamento de Antropologia, Sociologia e Lingüística. Seus principais professores foram Thomas Correll, Don Larson, William Smalley, Ken Gowdy e Paul Wiebe. James Hurd entrou para o grupo no início de 1980. O Departamento atraiu um número relativamente pequeno de alunos de especialização, mas, ao mesmo tempo, ele formou naquele período, um número importante de carreiras . Os formandos em antropologia incluem Thomas Headland, Michael Rynkiewich, Stephen Ybarro, Richard Swanson e Douglas Magnuson. Entre 1986 e 1988 todos, excetuando Ken Gowdy and James Hurd, já haviam se aposentado de forma prematura ou haviam partido em busca de outras oportunidades. Atualmente, o Departamento de

A Faculdade de Missões Kennedy do Seminário Hartford[7] era o equivalente em termos de programa de pós-graduação, onde a antropologia era ensinada e usada no treinamento avançado de missionários protestantes. Edwin W. Smith, após aposentar-se em 1939, foi professor visitante de pós-graduação de antropologia e história Africanas até 1943, sendo Paul Leser professor de antropologia. Charles Taber e Charles Kraft obtiveram em Harford seus diplomas de doutorado antes do cancelamento do programa de missões em meados da década de 1960, refletindo o declínio no número de missionários sendo enviados pelas principais juntas de missões protestantes. À medida que a Faculdade de Missões Kennedy, em Hartford, terminava suas atividades, outros cursos de Missões Mundiais com uma ênfase na aplicação da antropologia em missiologia e empregando antropólogos profissionais em seu quadro de professores, abriram no Seminário Teológico Fuller em 1965, na Escola Teológica Evangélica Trinity em 1969, e no Seminário Teológico Asbury em 1983.

O ano de 1954 trouxe um importante marco na história da antropologia com a publicação do livro de Eugene Nida intitulado *Costumes e Culturas: Antropologia para Missões Cristãs.* Apesar de Eugene Nida ter obtido seu doutorado com maior concentração em linguística do que em antropologia, ele viajou extensamente como consultor em tradução para a Sociedade Bíblica Americana, e trabalhou com cerca de 200 línguas em 75 países. Desta vasta experiência, Eugene Nida observou de primeira mão os problemas e desafios encontrados por missionários e tradutores, e sua perspectiva antropológica o ajudou a fazer observações penetrantes e tomar abundantes notas que originaram *Costumes e Culturas,* escrito em um curto espaço de um mês e meio enquanto ele estava no Brasil entre uma oficina de tradução e outra. O livro é tão rico conceitualmente e tão bem alicerçado antropologicamente que ele ainda é usado hoje em dia em escolas e seminários, apesar de muitas de suas ilustrações serem obsoletas, especialmente aquelas da América Latina da época pré-Concílio Vaticano II. Apesar disto, encontrei estudantes que gostariam de ter lido o livro de Eugene Nida antes de terem se lançado no ministério transcultural. *Continua na Parte II.*

Antropologia e Sociologia oferece um curso de especialização com quatro "áreas": antropologia, sociologia, missões transculturais e estudos urbanos. O programa conta com cerca de 70 alunos por ano (cerca de 60% nas áreas de antropologia e missão transcultural, 20% em sociologia, e 20% em estudos urbanos). O corpo docente inclui três antropólogos, Harley Schreck, James Hurd e Jenell Paris Williams, e dois sociólogos, Samuel Zalanga e Curtis DeYoung.

7 A Faculdade de Missões Kennedy foi uma resposta direta à Conferência de Edimburgo de 1910 e, em especial, ao relatório da Comissão 5 Preparação de Missionários, a qual foi dirigida por W. Douglas Mackenzie,
presidente do Seminário Teológico Hartford. A esposa do falecido John Stewart Kennedy participou da conferência de Edinburgo no verão de 1910, respondendo com meio milhão de dólares americanos ao pedido feito pelo Seminário Hartford para o estabelecimento da nova Faculdade de Missões. A faculdade foi batizada em memória de seu falecido esposo, John Stewart Kennedy de Nova York, Estados Unidos (Geer 1934:202-218).

Bibliografia

Batchelor, John. 1927 *Ainu Life and Lore*: Echoes of a Departing Race. Tokyo: Kyobunkwan; New York: Johnson Reprint Corp., 1971.

Brodie, Sir B.C. 1856 "Address." *Journal of the Ethnological Society* 4:294-297. Burridge, Kenelm 1991 *In the Way: A Study of Christian Missionary Endeavours.* Vancouver, BC, Canada: University of British Colombia Press.

Codrington, Robert H. 1891 *The Melanesians: Studies in Their Anthropology and Folklore.* Oxford, UK: The Clarendon Press.

Durkheim, Emile. 1915 (orig. 1912) *The Elementary Forms of Religious Life.* J. W. Stain, trans. London, UK: Allen & Unwin.

Evans-Pritchard, E. E. 1962 *Social Anthropology and Other Essays.* New York: The Free Press.

Fison, Lorimer. 1907 *Tales from Old Fiji.* London, UK: Alexander Moring.

Fox, Charles E. 1924 *The Threshold of the Pacifi c: An Account of the Social Organisation, Magic and Religion of the People of San Cristoval in the Solomon Islands.* London, UK: Kegan Paul, Trench, Trubner and Co.

Franklin, Karl, ed. 1987 *Current Concerns of Anthropologists and Missionaries*. International Museum of Cultures No. 22. Dallas, TX: The International Museum of Cultures, Summer Institute of Linguistics.

Frazer, James G. 1890 *The Golden Bough,* 2 vols. London, UK: Macmillan and Co.

Goldschmidt, Walter 1977 "Anthropology and the Coming Crisis: An Autoethnographic Appraisal." *American Anthropologist* 79(2):293-308.

Graham, Billy 1997 *Just As I Am: The Autobiography of Billy Graham.* San Francisco, CA: HarperSanFrancisco.

Harris, George. 1868 "On Foreign Missions in Connection with Civilization and Anthropology." London, UK: *Bell and Daldy.*

Harris, Marvin. 1968 *The Rise of Anthropological Theory.* New York: Thomas Y. Crowell Company.

Hiebert, Paul G. 1978 "Missions and Anthropology: A Love/Hate Relationship." *Missiology* 6: 165-180.

– – 1985 *Anthropological Insights for Missionaries*. Grand Rapids, MI: Baker Books.

– – 1994 *Anthropological Refl ections on Missiological Issues.* Grand Rapids, MI: Baker Books.

– – 1999 *Missiological Implications of Epistemological Shifts: Affi rming Truth in a Modern/Postmodern World.* Christian Mission and Modern Culture series. Harrisburg, PA: Trinity Press Int.

Hiebert, Paul G. and Eloise Hiebert Meneses. 1995 *Incarnational Ministry: Planting Churches in Band, Tribal, Peasant, and Urban Societies.* Grand Rapids, MI: Baker Books.

Hopkins, A. I. 1928 *In the Isles of King Solomon: Twenty-fi ve Years among the Primitive Solomon Islanders.* London, UK: Seely, Service and Company.

Ivens, Walter G. 1927 *Melanesians of the Southeast Solomon Islands.* London, UK: Kegan Paul, Trench, Trubner and Company.

1930 *The Island Builders of the Pacifi c.*London, UK: Seely, Service and Company.

Junod, Henri A. 1962 (orig. 1912) *The Life of a South African Tribe.*, 2 vols. New Hyde Park, NY: University Books Inc.

Junod, H. P. 1935 "Anthropology and Missionary Education." *International Review of Missions* 24(94): 213-228.

Kirby, Jon P. 1995 "Language and Culture Learning IS Conversion…Is Ministry: Toward a theological rationale for language and culture learning as a part of missionary formation in a cross-cultural context." *Missiology* 23(2):131-143.

Kraft, Charles H. 1973 "Toward a Christian Ethnotheology." *In God, Man and Church Growth: A Festschrift in Honor of Donald Anderson McGavran.* Alan R.Tippett, ed. Pp. 109-126. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

– – 1979 *Christianity in Culture: A Study in Dynamic Biblical Theologizing in Cross-Cultural Perspective.* Maryknoll, NY: Orbis Books.

– – 1996 *Anthropology for Christian Witness.* Maryknoll, NY: Orbis Books.

Lafitau, Joseph Francois 1724 *Moeurs des Sauvages Ameriquains Comparees aux moeurs des Premiers Temps.* Vol. 1. Paris: Chez Saugrain l'aine.

– – 1974 *Customs of the American Indians Compared with the Customs of Primitive Times.* 2 vols. Edited and translated by William N. Fenton and Elizabeth L. Moore. Toronto, Canada: Champlain Society.

Leenhardt, Maurice 1979 (orig. 1947) *Do Kamo: Person and Myth in the Melanesian World.* Trans, Basia Miller Gulati. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

Luzbetak, Louis J. 1958 "Toward an Applied Missionary Anthropology." *Anthropological Quarterly* 34:165-176.

– – 1963 *The Church and Cultures: An Applied Anthropology for the Religious Worker*. Techny, IL: Divine Word Publications.

– – 1985 "Prospects for a Better Understanding and Closer Cooperation between Anthropologists and Missionaries." In *Missionaries, Anthropologists, and Cultural Change.* Studies in Third World Societies, No. 25. Darrell L. Whiteman, ed. Pp. 1-53. Williamsburg, VA: College of William and Mary.

– – 1988 *The Church and Cultures: New Perspectives in Missiological Anthropology*. Maryknoll, NY: Orbis Books.

– – 1992 "My Pilgrimage in Mission." *International Bulletin of Missionary Research* 16(3): 124-128.

– – 1994 "Wilhelm Schmidt, S.V.D.1868-1954: Priest, Linguist, Ethnologist." In *Mission Legacies: Biographical Studies of Leaders of the Modern Missionary Movement*. Gerald Anderson, et al, eds. Pp. 475-485. Maryknoll, NY: Orbis Books.

Malinowski, Bronislaw. 1929 “Practical Anthropology.” *Africa* (2:23-38). Reprinted in *Applied Anthropology: Readings in the Uses of the Science of Man.* James A. Clifton, ed. Pp. 12-25. Boston, MA: Houghton Miffl in Company, 1970.
– – 1938 *Methods of Study of Culture Contact.* Memorandum 15, International African Institute, London, UK: Oxford University Press.
Morgan, Lewis Henry. 1871 *Systems of Consanguinity and Affi nity in the Human Family.* Washington, DC: Smithsonian Institution.
– – 1877 *Ancient Society.* New York: World Publishing.
Nida, Eugene A. 1954 *Customs and Cultures: Anthropology for Christian Missions*. New York: Harper & Row Publishers.
Parish, Helen and H. R. Wagner. 1967 *The Life and Writings of Bartolomé de Las Casas.* Albuquerque, NM: University of New Mexico Press.
Pate, Larry. 1989. *From Every People: A Handbook of Two-Thirds World Missions with Directory, Histories, and Analysis.* Monrovia, CA: MARC.
Peake, N. J. E. 1921 “Discussion.” *Man* 21(103):174.
Penny, Alfred. 1887 *Ten Years in Melanesia.* London, UK: Wells Gardner, Darton & Co.
Priest, Robert J. 2001 “Missionary Positions: Christian, Modernist, Postmodernist.” *Current Anthropology* 42(1): 29-70.
Reining, Conrad. 1962 “A Lost Period of Applied Anthropology.” *American Anthropologist* 64:593-600.
Sagard, Gabriel Théodat. 1632(1865) *Le Grand Voyage du pays des Hurons situé en l’Amerique vers la mer douce, es derniers confines de la Nouvelle France dite Canada*. Paris: Emile Chevalier, Tross.
– – 1939 *The Long Journey to the Country of the Hurons.* Edited with introduction and notes by George M. Wrong; translated by H.H. Langton. Toronto, Canada: Champlain Society.
Sahagun, Bernardino de 1950-1982 *General History of the Things of New Spain: Florentine Codex,*. Translated from the Aztec into English by Arthur. J. O. Anderson and Charles E. Dibble. Salt Lake City, Utah: School of American Research, University of Utah.
Salamone, Frank A. 1986 “Missionaries and Anthropologists: An Inquiry into the Ambivalent Relationship.” *Missiology* 14: 55-70.
Sanneh, Lamin. 1989 *Translating the Message: TheMissionary Impact on Culture.*Maryknoll, NY: Orbis Books.
Smith, Edwin W. 1907 *Handbook of the Ila Language.* London, UK: Oxford University Press.
– – 1924 “Social Anthropology and Missionary Work.” *International Review of Missions* 13(52):518-531.
– – 1934 “Anthropology and the Practical Man.” Presidential Address. *Journal of the Royal Anthropological Institute* 64: xiii-xxxvii
Smith, Edwin W. and Andrew W. Dale 1968 (orig. 1920) *The Ila-Speaking Peoples of Northern Rhodesia.* 2 vols. 2nd ed. New Hyde Park, NY: University Books.
Smith, Gordon Hedderly Smith. 1945 *The Missionary and Anthropology: An Introduction to the Study of Primitive Man for Missionaries*. Chicago, IL: Moody Press.
Spencer, Herbert. 1873 *The Study of Sociology*. New York: D. Appleton.
Stipe, Claude. 1980 “Anthropologists versus Missionaries.” *Current Anthropology* 21:165-168.
Sutlive, Vinson H.Jr. 1985 “Anthropologists and Missionaries: Eternal Enemies or Colleagues in Disguise?” In *Missionaries, Anthropologists,and Cultural Change.* Studies in Third World Societies No. 25. Darrell L. Whiteman, ed. Pp. 55-90. Williamsburg, VA: College of William and Mary.
Taber, Charles. 1973 “Change and Continuity: Guest Editorial.” *Missiology* 1(1):7-13.
– – 1990 “Review of *The Church and Cultures: New Perspectives in Missiological Anthropology.* “*Missiology* 8(1):103-104.
– – 1991 *The World is Too Much With Us: “Culture” in Modern Protestant Mission*. Macon, GA: Mercer University Press.
– – 2000 *To Understand the World, to Save the World: The Interface between Missiology and Social Science*. Harrisburg, PA: Trinity.
Tippett, Alan R.1973 “Missiology: ‘For Such a Time As This!’ –Editorial.” *Missiology* 1: 15-22. , ed.
– – 1973 *God, Man and Church Growth: A Festschrift in Honor of Donald Anderson McGavran*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
Van Der Geest, Sjaak. 1990 “Anthropologists and Missionaries: Brothers under the Skin.” *Man* 25:588-601.
Whiteman, Darrell L. 1996 “The Role of the Behavioral Sciences in Missiological Education.” In *Missiological Education for the 21st Century: The Book, the Circle, and the Sandals.* J. Dudley Woodberry, Charles Van Engen, and Edgar J. Elliston, eds. Pp. 133-143. Maryknoll, NY: Orbis Books.
– – 1997 “Contextualization: The Theory, the Gap, the Challenge.” *International Bulletin of Missionary Research* 21:2-7. Reprinted in *New Directions in Mission & Evangelization 3: Faith and Culture.* James A. Scherer and Stephen B. Bevans, eds. Pp. 42-53. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1999.
– – 2002 “Does Christianity Destroy Cultures: An Interview with Cultural Anthropologist Darrell Whiteman.” *Heartbeat* 23 (summer):1-8.

Whiteman, Darrell L ed.1985 *Missionaries, Anthropologists, and Cultural Change.* Studies in Third World Societies No. 25. Williamsburg, VA: College of William and Mary.

Wiser, William and Charlotte Wiser. 1930 *Behind Mud Walls*. New York: R. R. Smith. Revised edition, Berkeley, CA: University of California Press, 1971.

World Missionary Conference, Edinburgh. 1910 *The Preparation of Missionaries.* Report of Commission V. Edinburgh, UK: Oliphant, Anderson & Ferrier.